



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional.

Sub-Eixo: Ênfase em Trabalho Profissional.

A DIMENSÃO ÍDEO-POLÍTICA DO SERVIÇO SOCIAL E O TRABALHO EM GRUPO O RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO

Luciana Gonçalves Pereira de Paula¹

Camila Reis Pedro de Souza²

Isadora das Graças Freitas³

Resumo: O artigo traz um relato de experiência sobre um projeto de extensão. Se divide em: introdução, que apresenta o projeto; um debate sobre a dimensão ídeo-política do Serviço Social; a descrição do relato; as considerações finais que expressam a importância do grupo para potencializar a dimensão ídeo-política do trabalho profissional do assistente social por uma perspectiva crítica.

Palavras-chave: Serviço Social; dimensão ídeo-política; trabalho com grupos; projeto de extensão; assistente social.

Abstract: The article presents an experience report on an extension project. It is divided into: introduction, which presents the project; a debate on the social-political dimension of Social Work; the description of the story; the final considerations that express the importance of the group to enhance the social-political dimension of the professional work of the social worker through a critical perspective.

Keywords: Social Work; dimension policy-dimension; working with groups; extension project; social worker.

Introdução

O presente artigo traz um relato de experiência sobre o desenvolvimento de um projeto de extensão intitulado “Ocupando os espaços e construindo o amanhã”. Esse projeto vem sendo realizado desde o ano de 2017, na Faculdade de Serviço Social (FSS) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e surgiu com a proposta de desenvolver um trabalho em grupo, por meio de oficinas socioeducativas, para jovens e adolescentes de escolas públicas do município de Juiz de Fora/MG.

A inspiração para a criação desse projeto de extensão foi a conjuntura do ano de 2016, quando ocorreu um movimento de ocupações em escolas públicas de todo o Brasil, sendo esse processo protagonizado por jovens e adolescentes secundaristas que eram liderados pela União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) – momento que ficou

¹ Professor com formação em Serviço Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, E-mail: lugppaula@gmail.com.

² Estudante de Graduação, Universidade Federal de Juiz de Fora, E-mail: lugppaula@gmail.com.

³ Estudante de Graduação, Universidade Federal de Juiz de Fora, E-mail: lugppaula@gmail.com.

conhecido como a “primavera secundarista”⁴. Essas ocupações também ocorreram em algumas escolas de Juiz de Fora/MG. E o referido projeto de extensão se construiu a partir da vontade de contribuir para a formação desses jovens, para que cada vez mais eles possam se compreender enquanto sujeitos de direitos e estejam dispostos a lutar pela sua cidadania.

Portanto, o objetivo central do projeto é fomentar debates críticos sobre a realidade vivenciada por esses jovens e adolescentes, tendo como ponto de partida o próprio conhecimento e as experiências trazidas pelos participantes do mesmo. Essas discussões são provocadas e conduzidas por meio da metodologia da problematização e possuem o intuito de contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes sobre a sociedade atual.

No entanto, apesar dos objetivos desse projeto estarem voltados, em primeiro lugar, para o seu público alvo, as experiências vivenciadas pelo grupo têm oferecido significativas contribuições à formação das discentes, que participam do projeto na qualidade de bolsistas de extensão, e à atualização profissional de suas coordenadoras, docentes e assistentes sociais.

Com o desenvolvimento desse projeto, surgiu a necessidade de estudo de algumas temáticas específicas para melhor qualificar a atuação, tanto das profissionais quanto das alunas, nas oficinas realizadas com os jovens e adolescentes. Uma das temáticas sobre a qual nos debruçamos em nossos estudos foi a dimensão ídeo-política do trabalho profissional do assistente social. E, para a construção desse artigo, escolhemos essa temática, em especial para conduzir as reflexões que serão apresentadas no formato de um relato de experiência.

Para os estudos sobre a dimensão ídeo-política do exercício profissional do assistente social foi realizado um levantamento bibliográfico que buscou mapear produções sobre esse tema, no campo de conhecimento do Serviço Social. A pesquisa foi realizada pelas bolsistas do projeto de extensão, em bancos de teses e dissertações, plataformas de periódicos da área e anais de congressos da categoria profissional. Para esse levantamento foram usadas as palavras-chave: “Serviço Social” e “dimensão pedagógica”, “dimensão sócio educativa”, “dimensão política”, “dimensão ídeo-política” e “dimensão formativa”. Os materiais encontrados foram diversos, sendo eles artigos de revistas, trabalhos apresentados em congressos, dissertações, textos acadêmicos, entre outros. Após esse levantamento bibliográfico, os materiais foram catalogados a partir de alguns eixos norteadores, como: Título, resumo, fonte e autor(a).

⁴ “Em outubro de 2016, o movimento de estudantes ocupou escolas públicas de ensino fundamental e médio, a princípio no Paraná e depois por todo o Brasil, incluindo universidades públicas e particulares. O alvo do protesto eram duas grandes reformas propostas pelo novo governo: a medida provisória MP 746, que propunha a reforma do ensino médio; e a PEC 241/PEC-51, que propunha o congelamento dos gastos públicos por 20 anos, atingindo em cheio os investimentos em educação” (LAPA; GIRARDELLO, 2019, p. 07).

Posteriormente, alguns desses materiais foram selecionados para os nossos estudos e serviram de referencial teórico para as reflexões que serão apresentadas neste artigo, que servem para subsidiar as análises do relato de experiência.

Dessa forma, o artigo se estrutura perpassa dois momentos: o primeiro apresenta reflexões teórico-metodológicas acerca da temática da dimensão ídeo-política do trabalho profissional do assistente social; e a segunda traz, por meio do relato das experiências vivenciadas com a realização do projeto de extensão, a importância das atividades sócio educativas desenvolvidas por meio do trabalho de grupo no âmbito do Serviço Social.

Como potencializar a dimensão ídeo-política do trabalho profissional do assistente social para uma perspectiva crítica de atuação?

Este item do presente artigo visa destacar a importância da dimensão ídeo-política da atuação profissional do assistente social. Dessa forma, é importante ressaltar que essa função pedagógica é inerente ao exercício profissional do assistente social, já que a profissão surgiu como uma requisição da burguesia para “controlar”, “educar” e “disciplinar” os trabalhadores, adequando-os à lógica do sistema capitalista (IAMAMOTO; CARVALHO, 2003).

Entretanto, com o processo de renovação do Serviço Social, no Brasil, ocorre um redimensionamento da profissão, provocado pela aproximação dos assistentes sociais com a tradição marxista, que começa na década de 1970, e se consolida nos anos de 1980 (NETTO, 2002).

Nesse processo, parcelas significativas de assistentes sociais assumem um compromisso com a defesa dos interesses históricos da classe trabalhadora. Esse compromisso se explicita no seu Projeto Ético-Político, articulado a um projeto societário que possui o objetivo da emancipação humana dos sujeitos, por meio da construção de uma sociedade que supere a ordem social do Capital (NETTO, 1999).

Com isso percebe-se que, embora a dimensão ídeo-política seja inerente ao trabalho desenvolvido pelo assistente social, o direcionamento da atuação profissional pode se dar, tanto por um viés conservador - do qual contribui para a manutenção da ordem vigente-, quanto por um viés crítico - do qual realça o compromisso dos assistentes sociais com o Projeto Ético Político e visa o fortalecimento da luta da classe trabalhadora para a superação da ordem.

Desse modo, os assistentes sociais estão inseridos no âmbito reprodução das relações sociais e possuem sua atuação perpassada pelos conflitos advindos da relação entre Capital e Trabalho. Entretanto, o próprio assistente social é, também, um trabalhador assalariado e, portanto, vende sua força de trabalho para um empregador. Assim, mesmo

que o profissional tenha um direcionamento político pautado na defesa dos interesses da classe trabalhadora, ele também precisa atender às requisições do seu empregador/da instituição, que, muitas vezes, justificam a sua contratação (IAMAMOTO, 2007).

Junto a isso, percebe-se que a própria condição assalariada do assistente social faz com que seu trabalho esteja sujeito aos processos de alienação, o que dificulta a possibilidade desse profissional se aproximar da realidade dos seus usuários. Por isso, torna-se extremamente necessário que o assistente social perceba e faça uso da sua autonomia relativa, a fim de procurar construir um direcionamento profissional pautado no compromisso ético-político da profissão, com o objetivo de contribuir para uma maior conscientização política do conjunto de trabalhadores (IAMAMOTO, 2007).

No entanto, sabe-se que os assistentes sociais, na conjuntura atual, sofrem inúmeros limites no fazer profissional, já que as instituições exigem uma prática profissional cada vez mais técnica, burocrática e rotineira. Sendo assim, com o objetivo de fortalecer a luta da classe trabalhadora, os assistentes sociais precisam desenvolver cada vez mais sua capacidade crítica e criativa, dentro das áreas sócio ocupacionais que trabalham (IAMAMOTO, 2007).

No intuito de potencializar a dimensão ídeo-política do exercício profissional do assistente social para uma perspectiva crítica, faz-se necessário planejar e executar ações articuladas às reais necessidades da classe trabalhadora. É preciso pensar ações com potencial reflexivo e mobilizador para estimular junto aos trabalhadores – usuários dos serviços prestados pelos assistentes sociais – sua capacidade político-organizativa.

Nesse sentido, o trabalho em grupo, quando desenvolve atividades socioeducativas, pautadas numa perspectiva crítica, é uma excelente ferramenta para a atuação profissional do assistente social, pois tem como objetivo propiciar um espaço coletivo, que possibilite impulsionar discussões e reflexões sobre a realidade social vivenciada pelos sujeitos. Dessa forma, o trabalho coletivo tem como finalidade dar voz aos sujeitos, apreender os elementos que perpassam o cotidiano dos mesmos, o que possibilita aos assistentes sociais detectarem as diversas expressões da questão social e potencializar as ações coletivas (EIRAS; PAULA, 2018).

Com o intuito de fazer a defesa dos interesses da classe trabalhadora – a qual o assistente social pertence –, ele precisa construir um plano de trabalho próprio que explicita, com clareza, seus objetivos profissionais – que não devem se confundir com os objetivos institucionais. Além disso, deve procurar estabelecer estratégias e táticas que possibilitem a construção de ações pautadas no Projeto Ético-Político da profissão, e que contribuam com o processo de organização e luta da classe trabalhadora. Dessa forma,

[...] cada estratégia político interventiva construída pelo assistente social vai apresentar para esse profissional a tarefa de formular um rol de táticas capazes de

colocar em movimento as estratégias que foram elaboradas. Sendo assim, as estratégias são caminhos pelos quais os assistentes sociais podem construir as suas ações. E essas ações propriamente ditas operacionalizam-se através das táticas formuladas por esses profissionais. Podemos chamar, então, de ações táticas as intervenções profissionais construídas em articulação com as estratégias político-interventivas, tendo em vista o alcance de determinado objetivo profissional. (PAULA, 2016, p. 194)

Dentre as várias estratégias político-interventivas existentes na profissão, tem-se o uso da arte que pode ser um excelente instrumento a ser utilizado pelo assistente social para problematizar questões presentes na realidade dos trabalhadores/sujeitos (PAULA, 2016). Pode-se dizer que,

[...] carregada de uma determinada ideologia, a arte pode tanto servir à manutenção da hegemonia dominante, como pode ter por função a libertação e a transformação do homem. [...] a arte pode levar o sujeito a compreender a realidade e transformá-la, pois tem como possibilidade tirar o homem de um estado de fragmentação, consequente da divisão do trabalho no modo de produção capitalista e que causa alienação do homem no/pelo trabalho. Entende-se que a arte pode servir a esse homem como meio de 'libertação', como meio de pensar com mais criticidade, sua própria existência, podendo auxiliar o desvendamento da alienação que sofremos no cotidiano de nossa realidade social (CONCEIÇÃO, 2010, p. 58).

Nesta senda, a arte, a partir de suas diversas expressões, como a música, fotografia, teatro, etc., torna-se um excelente instrumento do assistente social na realização de trabalhos socioeducativos com grupos, pois possibilita aos sujeitos analisar elementos que estão presentes em seu próprio cotidiano e problematizar questões que geralmente passam despercebidas pelos mesmos. Além disso, os trabalhos em grupos são construídos sob uma lógica de democratização desses espaços, na qual os sujeitos/trabalhadores podem (e devem) trazer as suas vivências, o que possibilita a construção do conhecimento de forma horizontal (CONCEIÇÃO, 2010). Dessa forma, é importante dizer que essas atividades sócio educativas, tem como objetivo fortalecer os três princípios fundamentais do projeto profissional: a liberdade, a autonomia e a emancipação humana.

Portanto, para que o assistente social possa defender os interesses da classe trabalhadora e fortalecer o seu Projeto Ético Político, ele precisa buscar construir uma atuação profissional pautada numa perspectiva crítica. Essa busca, por sua vez, lhe impõe a tarefa de ser cada vez mais criativo para que não seja tão facilmente cooptado pela lógica alienante do trabalho. Para isso, o assistente social deve procurar desenvolver atividades socioeducativas, sejam elas individuais ou em grupos. No entanto, acreditamos que os trabalhos em grupos podem potencializar, de forma diferenciada, os objetivos profissionais, fortalecendo assim o processo de organização e luta da classe trabalhadora. Tais atividades socioeducativas podem ser desenvolvidas através da utilização da arte, que tem um potencial sensibilizador e formativo singular para o processo de construção de sujeitos mais críticos.

As experiências vivenciadas no projeto de extensão “Ocupando os espaços e construindo o amanhã” – relato do ano de 2018

No ano de 2018, o projeto de extensão “Ocupando os espaços e construindo o amanhã” foi realizado junto a adolescentes da escola Estadual Almirante Barroso, situado no bairro Benfica do município de Juiz de Fora/MG. Nessa experiência o público alvo se constituiu dos alunos da turma do 9º ano C, cuja faixa etária variava entre 13 e 15 anos. Durante o projeto foram realizadas cinco oficinas, cujos temas foram escolhidos pelos próprios adolescentes.

Para o processo de construção e planejamento das oficinas, foram realizadas reuniões quinzenais, das quais participaram a professora coordenadora do projeto e as discentes/bolsistas de extensão. As oficinas foram realizadas, também, de forma quinzenal, sendo sempre na segunda-feira de 14:30 às 15:20 (horário disponibilizado pela professora de Artes).

A primeira oficina foi desenvolvida com o intuito de apresentar para os alunos os objetivos do projeto de extensão, bem como sua coordenadora e as bolsistas desse projeto; estabelecer um primeiro contato, propiciasse a apresentação desses alunos; e estimulá-los a escolherem as temáticas a serem abordadas nas oficinas seguintes. Para o momento da apresentação utilizamos a “dinâmica do barbante”, na qual os alunos puderam se apresentar e falar de suas expectativas sobre o projeto. Em seguida realizou-se a dinâmica dos “privilégios e oportunidades”, na qual eles teriam que acertar bolinhas de papel dentro de uma caixa que estava mais próxima de alguns alunos e longe de outros.

A partir desse exercício foi feita uma reflexão a fim de comparar as sensações e impressões que se manifestaram no momento da dinâmica com o cotidiano vivido pelos alunos – em uma escola de periferia, residindo em bairros de periferia, com pouco acesso aos equipamentos de lazer e cultura da cidade. As perguntas que conduziram esse momento foram: porque, em nossa sociedade algumas pessoas têm mais privilégios e oportunidades do que outras? O lugar que as pessoas ocupam nessa sociedade tem relação com as oportunidades ou a falta delas? Com isso, o debate se estabeleceu e os alunos realizaram importantes reflexões sobre o que eles entendem como “problemas sociais” que nós compreendemos como expressões da questão social.

No debate, algumas falas dos alunos tornaram-se importantes para fazer uma análise crítica acerca das oportunidades dentro da sociedade capitalista. Um estudante disse “Nem todo mundo entra na vida do crime porque quer (...)” e questionou um outro colega que se contrapôs a essa afirmação, dizendo “Se seu pai não tivesse como te sustentar, e precisasse comprar leite pra você, ele entraria ou não?”. Essas falas são de extrema importância, pois possibilitam analisar a realidade na qual esses alunos estão

inseridos e como eles enxergam a questão das oportunidades e dos privilégios dentro dessa sociedade, contribuindo assim para a percepção de que vivemos em uma sociedade de classes, em que as pessoas possuem lugares diferentes nessa estrutura social. Dessa maneira, o processo de formação política desses alunos se estabelece a partir da construção coletiva de uma reflexão crítica.

De mesma forma, quanto mais as bolsistas envolvidas no projeto aproximam-se da realidade vivenciada pelos alunos, mais evidente tornam-se as expressões da questão social – matéria prima do trabalho do assistente social –, o que traz uma grande contribuição para o processo de formação das mesmas.

Ainda no fim dessa primeira oficina, foi pedido que eles escrevessem em um pedaço de papel, sugestões de temas que eles gostariam que fossem trabalhados nos demais encontros. Essas sugestões foram depositadas em uma urna para garantir o sigilo e o anonimato de suas escolhas – permitindo assim que ficassem bem à vontade para sugerirem o que desejassem, sem nenhum constrangimento. Foi, ainda, solicitado que eles trouxessem para a próxima oficina músicas ou trechos de músicas, relacionadas às temáticas dos “problemas sociais”.

A oficina foi finalizada com uma avaliação que eles realizaram por escrito. Nessa avaliação, a maioria dos participantes considerou a oficina “legal”. Entretanto, foi possível notar que, pelo fato dessa oficina ter sido a primeira aproximação com a turma, alguns alunos mostraram-se desinteressados, enquanto outros ficaram bem empolgados durante a realização das atividades.

Os temas sugeridos pelos alunos foram diversos, dentre eles: tráfico de drogas, racismo, preconceito, desemprego, violência contra a mulher, sexualidade, desigualdade social, desigualdade de gênero, economia, homossexualidade, sexo na adolescência, aborto, depressão, bullying, violência e suicídio.

Realizou-se um agrupamento dos temas que se relacionavam de alguma forma para trabalhar com eles nas três oficinas seguintes. Desse modo, a segunda oficina abordou a temática das desigualdades sociais - em articulação com a economia, tráfico de drogas, racismo, preconceito, desemprego, desigualdade de gênero. E para impulsionar uma reflexão sobre a forma desigual em que se estrutura nossa sociedade no capitalismo, por meio das divisões de classes, foi realizada a dinâmica dos “ratos, raposas e leão”.

Nesse exercício foi distribuído para cada aluno um pedaço de papel contendo uma palavra: rato, raposa ou leão, sendo que entre eles havia somente um leão, três raposas e os demais eram todos ratos. Foi solicitado que o “leão” viesse até a mesa (que estava coberta de balas e alguns bombons) pegar os doces que quisesse. Depois as “raposas” foram convidadas a pegar seus doces e, por fim, os “ratos” foram autorizados a pegar o que restou. Logo após a realização da dinâmica, algumas reflexões foram feitas sobre as

desigualdades sociais, desigualdades de gênero, racismo, preconceito, tráfico de drogas e desemprego.

Um dos elementos mais interessantes da reflexão foi o relato de um aluno negro sobre uma situação de racismo que ele vivenciou, na qual ele foi seguido por um segurança dentro de uma loja de telefonia celular, onde ele tinha entrado para comprar seu celular. Porém, o segurança considerou a presença dele, dentro daquele espaço, como uma “ameaça”, pensando que ele iria roubar algo. Escutar esse relato foi muito importante para problematizar questões que perpassam o cotidiano desses alunos, e as diversas formas de racismo que muitos deles vivenciam diariamente.

Além disso, alguns cartazes foram apresentados, contendo informações estatísticas sobre o desemprego, o tráfico de drogas e as desigualdades de gênero no Brasil, e essas questões foram, também, problematizadas. É importante dizer que muitas falas dos alunos estão dentro do senso comum, como o discurso da meritocracia, como a ideia de que há “pobres espertos”, de que muita gente consegue coisas roubando, etc. Por isso, levantar essas discussões com eles, foi algo de extrema importância para construir análises críticas dentro da sala de aula, fomentando assim o senso crítico dos alunos.

Em seguida, foi feita a dinâmica “da saída” que procurava discutir com eles as possíveis saídas para essas questões/situações. No exercício, foi colocado em uma caixa de papelão cinco papéis contendo informações sobre: movimentos sociais, períodos em que se mostraram mais fortes na história da nossa sociedade e as suas principais conquistas. Os alunos foram passando a caixa um para o outro – no formato “batata quente” – até que uma das bolsistas dizia “para”. O aluno que se encontrava com a caixa nas mãos retirava um desses papéis e fazia sua leitura. No fundo da caixa havia a palavra “NÓS”, para enfatizar que as possíveis saídas são sempre coletivas e dependem de nossa luta, de nosso envolvimento direto.

Para avaliar a oficina foi feito um cartaz com vários *emoticons*, e os alunos foram marcando um “x” naquele que representasse as suas emoções durante a oficina, e o resultado foi bem positivo. Nesse dia, ficou como tarefa para o próximo encontro trazer uma notícia sobre bullying.

Nessa terceira oficina, o tema central foi este: bullying - articulado com violência, depressão, suicídio e preconceito. Inicialmente, foi exibido o vídeo “O garoto que superou o bullying e cantou sobre isso” e, nesse momento, todos os alunos prestaram bastante atenção. A partir do vídeo foram levantadas questões acerca das temáticas propostas para essa oficina. Os alunos se envolveram no debate e apresentaram depoimentos de suas experiências/vivências em relação ao tema proposto.

Nesse momento da oficina surgiram falas importantes como essas: “O bullying é bem triste”, “O bullying desmerece o outro” e “Quando não tem uma boa convivência em casa ou

com os amigos, a pessoa pratica o bullying para superar os seus problemas e se sentir superior”.

Em seguida, realizou-se a dinâmica “linha das semelhanças”, na qual foi feita uma linha no chão e os alunos se organizaram em duas colunas paralelas a essa linha. Algumas afirmações foram feitas, relacionadas ao cotidiano dos alunos e eles se aproximavam da linha no caso de uma resposta afirmativa, ou se mantinham no mesmo lugar, no caso de uma resposta negativa. No momento da dinâmica os alunos ficaram bem empolgados com a realização da mesma, prestaram atenção nas afirmações que foram sendo feitas, participando ativamente desse momento. O intuito da dinâmica era promover reflexões, levando em consideração que, embora cada participante tenha suas particularidades, todos nós temos coisas em comum. Apesar de no início os alunos não conseguirem se identificar uns com os outros, no final da dinâmica eles conseguiram entender que embora cada aluno tenha suas particularidades, em algum momento eles irão se aproximar uns dos outros em determinadas questões.

No fim eles fizeram uma avaliação da oficina, resumindo-a em uma palavra. A avaliação da oficina foi bem positiva, pois todos definiram a oficina com palavras boas. Desse modo, a avaliação só serviu para reafirmar que todos gostaram da oficina, porque em muitos momentos foi possível notar a satisfação desses alunos, uma vez que eles se envolveram com as discussões trazendo elementos importantes para a construção do debate e das reflexões feitas. Foi pedido que levassem para a próxima oficina algo relacionado ao sexo na adolescência (alguma pergunta, curiosidade, dúvida, etc.).

Na quarta oficina o tema central foi a sexualidade - articulado às temáticas: homossexualidade, sexo da adolescência, aborto e preconceito. Foram apresentadas as diferenças existentes entre identidade de gênero, sexo biológico e orientação sexual e o que significa cada um dos termos. Foi, também, apresentado um cartaz contendo a sigla “LGBTTTIS” e os alunos foram estimulados a falar sobre o significado de cada letra, ressaltando que eles já sabiam o significado de algumas letras.

Posteriormente foi feita a dinâmica do “autógrafo”, na qual foi entregue um papel para cada aluno e foi pedido para que cada um recolhesse 3 assinaturas distintas dos colegas de turma. Em seguida, foi pedido para que olhassem atrás do papel. O papel que tivesse com uma bolinha vermelha indicaria que a pessoa estaria “infectada com o vírus do HIV” e, conseqüentemente, todos que pegaram o seu autógrafo (supostamente teriam se relacionado sexualmente com ela) estariam, também, infectados. Isso gerou um “efeito cascata”, e diversos alunos constataram que estavam “infectados”. Porém, alguns deles possuíam um “x” marcado nas costas do papel, indicando que ele “teria usado preservativo”, evitando sua infecção pelo vírus.

Posteriormente, foi feito um diálogo sobre a importância do uso do preservativo e discutiu-se algumas questões sobre sexualidade, além de apresentar um cartaz com dados estatísticos sobre a infecção do vírus HIV entre adolescentes e sobre abortos clandestinos. Nesse momento, os alunos prestaram bastante atenção na exposição que estava sendo feita, o que realça o quanto esse assunto era importante para eles. Eles também puderam levantar suas dúvidas, curiosidades e falar sobre experiências/vivências, em relação à sexualidade, o que possibilitou que os alunos interagissem mais com as questões que foram apresentadas e trouxessem, de fato, suas demandas e contribuições para o projeto.

Na última oficina a proposta era a construção de um “produto final” que permitissem aos adolescentes se expressar, revelando o que foi compreendido por eles ao longo dos encontros anteriores. Desse modo, foram apresentadas para os alunos três telas em branco, das quais eles pudessem pintar, desenhar, escrever sobre os elementos abordados no projeto, de forma criativa, livre e artística. Essa oficina foi realizada no laboratório de ciências, com os alunos divididos em pequenos grupos que tinham um tempo definido para trabalhar em qualquer uma das telas. Cabe ressaltar que cada tela possuía um título: “Desigualdades sociais”; “Bullying”; “Sexualidade”. Enquanto alguns alunos iam para o laboratório de ciências, os demais realizavam a avaliação final do projeto em sala de aula.

No momento da construção das telas, os alunos mostraram-se extremamente empolgados com essa dinâmica, tendo alguns deles pedido para retornar ao laboratório de ciências para contribuir mais com esse processo. Essa experiência proporcionou um ganho de aprendizagem tanto para os jovens e adolescentes, quanto para as responsáveis pelo projeto, pois as dinâmicas e reflexões possibilitaram atingir o objetivo principal: fomentar debates críticos e um aprofundamento sobre a realidade desses jovens e adolescentes, além de fazer uma análise dos desafios enfrentados na conjuntura atual.

Ademais, as responsáveis por esse projeto, em especial as bolsistas, conseguiram entender como se dá o processo de desenvolvimento de atividades socioeducativas no âmbito do Serviço Social, o que evidenciou a importância do trabalho de grupo para a potencialização da dimensão ídeo-política da profissão por uma perspectiva crítica, a fim de fortalecer o processo de formação política dos sujeitos e a organização da classe trabalhadora.

Considerações finais

O presente artigo buscou, de forma sucinta, realizar um debate sobre a relevância do trabalho desenvolvido com grupos, como uma atividade socioeducativa a ser desenvolvida pelos assistentes sociais. Percebeu-se que as ações coletivas em geral – e aqui, em especial, abordamos o trabalho de grupo – possuem o potencial de fortalecer a dimensão

ídeo-política do trabalho profissional do assistente social, seja por um viés crítico ou conservador.

O nosso intuito, com o desenvolvimento do projeto de extensão, é contribuir com a formação de adolescentes e jovens de escolas públicas de bairros periféricos do município de Juiz de Fora/MG, para que eles se tornem sujeitos mais críticos e compreendam a importância das lutas coletivas. Fortalecendo, assim, uma perspectiva crítica na atuação profissional do assistente social.

Por meio do debate e da reflexão de questões do nosso tempo, que atravessam o cotidiano desses adolescentes, buscou-se oferecer a eles informações qualificadas, propiciar troca de experiências, estimular a discussão de temas e ideias, mesmo quando as falas se mostravam divergentes aos valores e princípios dos quais defendemos. Com isso, acreditamos ter oportunizado para esses adolescentes um espaço de diálogo aberto e democrático, no qual eles puderam se expressar e se perceber enquanto um coletivo, apesar de suas diferenças.

Por fim, acreditamos ser esse um importante papel para o Serviço Social na conjuntura atual. Defender os valores da liberdade, da autonomia, da democracia, da cidadania e se colocar contra todas as formas de preconceito, opressão e exploração, e que esses valores fortalecem nosso Projeto Ético, além de colocar os assistentes sociais na defesa dos interesses históricos da classe trabalhadora.

REFERÊNCIAS

CONCEIÇÃO, Débora Guimarães da. **O Serviço Social e a prática pedagógica: a arte como instrumento de intervenção social**. Serviço Social em revista, Londrina, volume 12, número 2, p. 51- 67, Janeiro/Junho 2010.

EIRAS, Alexandra Aparecida Leite Toffanetto Seabra; PAULA, Luciana Gonçalves Pereira de. Trabalho com grupos na saúde - contribuições do Serviço Social. In: RAMOS, A.; SILVA, L. B da; PAULA, L. G. P. de. **Serviço Social e Política de Saúde: ensaios sobre trabalho e formação profissionais**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2018.

IAMAMOTO, M. V.; CARVALHO, R. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. 15.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. São Paulo: Cortez, 2007.

LAPA, Andrea; GIRARDELLO, Gilka. **Mídia-Educação na “Primavera Secundarista”**: um estudo de caso no ensino de pós-graduação. Disponível em: <http://anais.anped.org.br/sites/>

default/files/arquivos/trabalho_38anped_2017_GT16_1085.pdf. Acesso em: 25/03/2019.

NETTO, José Paulo. **A construção do projeto ético-político do Serviço Social frente à crise contemporânea**. Capacitação em Serviço Social e Política Social – Módulo I: *Crise Contemporânea, Questão Social e Serviço Social*. Brasília: CFESS/ABEPSS/CEAD/ UNB, 1999.

_____. **Ditadura e Serviço Social**: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PAULA, Luciana Gonçalves Pereira de. Considerações finais. In: PAULA, L. G. P. de. **Estratégias e táticas**: Reflexões no campo do Serviço Social. Rio de Janeiro: Lúmen Juris, 2016.